



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2015
<b>Local</b>	Porto Alegre - RS
<b>Título</b>	A epidemia de HIV/AIDS e os Direitos Humanos
<b>Autor</b>	CAMILA MANIQUE SILVA FERREIRA
<b>Orientador</b>	ANDREA FACHEL LEAL

Título do Trabalho: A epidemia de HIV/AIDS e os Direitos Humanos

Autora: Camila Manique Ferreira

Orientadora: Andrea Fachel Leal

Instituição de Origem: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Buscando compreender as circunstâncias e as causas de mortes relacionadas à AIDS em Porto Alegre, o projeto de pesquisa NEMAIDS propõe investigar as internações e mortes por AIDS através da abordagem das situações classificadas como near miss, i.e. "episódios de potencial fatal" que podem gerar conhecimentos relevantes para a prevenção de óbitos por AIDS. A partir da concepção do projeto NEMAIDS, foram realizadas entrevistas com familiares de pessoas que vieram a óbito por AIDS na tentativa de se identificar quais são as possíveis falhas no sistema de saúde em Porto Alegre. O estado do Rio Grande do Sul (RS) tem registrado, durante os últimos dez anos, as mais altas taxas de prevalência, incidência e mortalidade por Aids no Brasil, sendo Porto Alegre a capital com as maiores taxas (Brasil, 2011).

A mídia, ao identificar, nos anos iniciais da epidemia, os primeiros casos entre homossexuais norte-americanos estabelece um vínculo que até hoje não foi rompido entre AIDS e homossexualidade masculina, evidenciando, posteriormente, a associação entre doença, sexualidade e homofobia na sociedade. A forma com que a epidemia foi enfrentada teve três fases distintas. Inicialmente, o olhar voltou-se para o infectado, associando-se a transmissão a homens que fazem sexo com homens e que possuem um alto nível de escolaridade, caracterizando um "grupo de risco". Logo após essa primeira fase, o olhar sobre o vírus foi ampliado em termos da sua transmissão, ampliando intervenções para usuários de drogas injetáveis e pessoas com práticas sexuais sem camisinha (hetero ou homo), perpassando um conceito de "comportamento de risco". A terceira fase foi, então, a compreensão da suscetibilidade das pessoas ao vírus, através do conceito de "vulnerabilidade", para compreender a tendência atual de feminização, pauperização, heterossexualização e interiorização da doença.

A linguagem dos direitos humanos aparece como um eficiente instrumento para o enfrentamento da epidemia e, também, um paradigma para construção de modelos mais adequados à prevenção e à assistência das pessoas afetadas. Podemos elencar questões frequentes de desrespeito aos direitos humanos: obstáculos no acesso ao diagnóstico, assistência e tratamento; impedimento ao convívio social nos ambiente de moradia, trabalho, escola; testagem compulsória; violação de privacidade. O objetivo em foco aqui é identificar de qual(is) maneira(s) a violação dos direitos humanos dificulta o enfrentamento à AIDS, identificando nas falas dos familiares eventos que poderiam ser evitados a fim de minimizar o estigma relacionado às pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Após a conclusão da leitura das autópsias verbais com os familiares das vítimas, tudo aponta que tanto a pandemia de HIV/AIDS quanto o estigma relacionado às pessoas vivendo nessa condição são problemas que afetam as populações mais vulneráveis devido à exclusão social em que se encontram dentro da própria estrutura social, seja por situação de pobreza, seja por outras formas de opressão social que acabam por reproduzir essas diferenças sociais e reforçar as desigualdades de classe, raça e gênero. Nesse sentido, a violação dos direitos humanos leva a uma maior disseminação do HIV, pois reforça atitudes estigmatizantes, preconceituosas e discriminatórias, o que por sua vez faz com que as pessoas vivendo com HIV adotem estratégias de ocultação do seu status sorológico, pelo medo de perda do seu potencial de crédito ou consideração por parte de familiares, amigos e da sociedade como um todo.